

Discurso do Des. Noeval de Quadros

“Despeço-me do Tribunal de Justiça, após 32 anos de exercício na magistratura. O sentimento que me domina, neste momento, é o de gratidão. Alcancei mais do que poderia querer ou sonhar. Conheci pessoas boníssimas e de intelecto privilegiado.

Nem sempre aconteceu o que eu havia planejado. Em compensação, aconteceram fatos marcantes que eu não havia esperado. É que a vida é aquilo que acontece enquanto estamos ocupados fazendo planos para o futuro, como disse John Lennon.

Convivi por mais de três décadas com a saudável dúvida, no processo, de saber quem estava com a razão. Por muitos anos, era hábito a oração semanal ou quinzenal, no final do expediente, junto com os companheiros de trabalho mais próximos, agradecendo e pedindo discernimento e auxílio para decidir com equilíbrio e sabedoria.

Nunca me contentei em ser apenas juiz: meu estilo inquieto me levou a exercer várias funções simultâneas, como por exemplo, professor, diretor da escola da magistratura, coordenador da assessoria de apoio aos juizados da infância e juventude, membro do departamento cultural da AMAPAR, coordenador de cursos de atualização, membro de diversos conselhos ligados ao tribunal.

Graças a Deus, na minha formação escolar tive acesso a ensino de qualidade, embora sempre estudando em escola pública. Em reconhecimento, procurei colaborar com tudo que dissesse respeito à formação continuada e aperfeiçoamento do juiz e do servidor. Sempre achei que estas atividades melhoraram a minha forma de ver o mundo e decidir com mais segurança. Além disso, acredito que através do estudo é possível a melhoria de qualidade da prestação jurisdicional e a abertura de muitas portas, na carreira.

No TJPR, beneficiei-me do fato de fazer parte de uma administração que marcou o seu tempo, pelo aspecto dinâmico e inovador, e não vejo época melhor para encerrar a minha carreira. No total, foram 47 anos e meio de exercício profissional, porque desde os 14 anos de idade já trabalho com carteira profissional assinada e o dia todo ocupado.

Ser juiz não me foi nenhum esforço porque sempre desejei e me preparei para o cargo. Era-me natural o ato de decidir. Tudo o que eu tenho devo à magistratura, até mesmo a possibilidade material de criar bem meus filhos e de dar-lhes exemplo de trabalho e muita fibra. Tanto eles seguiram essas orientações que começaram a trabalhar muito cedo e, hoje, um trabalha no Tribunal de Justiça e outros dois na Justiça Federal. O grande número de

renúncias que se exige de um juiz combinou com meu estilo pessoal e desejo de levar uma vida sóbria, discreta.

Nunca alguém fez alguma proposta que me levasse a transigir com meus princípios. Errando e acertando, agi conforme a minha consciência e os valores que desenvolvi ao longo da vida. Orgulho-me, de forma sadia, da condição de magistrado, que pode agir compromissado primeiro com a consciência.

Como juiz, em ambos os graus, sempre fui muito feliz e respeitado. Guardo as melhores lembranças dos mais de dez anos passados nas comarcas do interior. Procurei desfrutar da caminhada. Meus filhos nasceram cada um em uma Comarca diferente e cresceram livres nas pacatas cidades interioranas. Eu ia a pé para o Fórum e conhecia as pessoas, que cumprimentavam respeitadamente o juiz da comarca. Era convidado para churrascos, serenatas, bailes, casamentos, formaturas e participava da vida em comunidade, embora não fosse a todos os eventos.

A minha terapia era jogar futebol duas vezes por semana com pessoas ligadas à área jurídica. Nos campeonatos promovidos pela AMAPAR e AMB, conheci colegas de quase todos os Estados brasileiros, cuja amizade resistiu ao tempo. Tenho o nome inscrito no rol dos (piores) artilheiros do Campeonato Nacional.

No tribunal, aprendi a conviver em colegiado e muitas vezes a ter de discordar da opinião do colega, com firmeza e muito tato para não desqualificar as idéias que, afinal, podiam ser as mais justas. Não sei se aprendi, mas tentei aprender a arte de discordar sem impor nada, sem querer ser o dono da verdade, mesmo porque é difícil sabermos onde essa verdade se encontra. Nem sempre tive minhas posições acolhidas e aceitei isso como parte do processo democrático e dialético da Corte.

Não quero incentivar ninguém a se aposentar porque cada um deve saber onde pode ser mais útil, e isso é o que importa. Sempre exerci minha profissão como um ato de fé, com entusiasmo e alegria. Não me lembro de ter levantado um dia dizendo “que dureza, ter de ir para o Fórum!”. Pelo contrário, sempre senti uma alegria muito grande por ganhar para estudar, e colocar no papel o fruto dos meus estudos. Ao procurar a solução que parecesse a mais justa, de todas as causas, das mais simples às mais complexas, nunca deixei de pedir orientação ao Criador, para que a decisão fosse a melhor possível.

Acredito que todos somos intuídos, quando estamos bem-intencionados. Tive sempre em mente que o juiz, mais do que ninguém, influi na vida das pessoas e isso é algo muito sério.

Não sofri qualquer injustiça, ao longo destes 32 anos de magistratura. Pelo contrário, acho que sempre fui premiado com a amizade sincera de vários colegas e com o desempenho das funções mais variadas, acho que porque tudo que fiz, procurei fazê-lo de forma prazerosa, com energia e entusiasmo.

Sei que não agradei suficientemente esses colegas juizes nem os servidores que trabalharam comigo, nos gabinetes ou nas varas, nas câmaras ou departamentos, e que sempre foram extremamente leais. Cada um desses colaboradores ajudou a alavancar a minha carreira, e seguiu anônimo. Isso apenas reforça que vivemos em regime de interdependência e que o trabalho que realizamos é fruto da cooperação de muitos. Minha gratidão e reconhecimento não serão suficientes para pagar essa dívida, e sei que não tenho como retribuir todos os benefícios que recebi.

Saio da ativa porque quero mais tempo para cuidar de projetos pessoais, deixados de lado por conta da intensa dedicação à profissão, nestes anos todos. Nunca abandonarei o prazer do estudo, que me acompanhou diariamente no exame de processos e dos mais diversos autores. Como trabalho é toda ocupação útil, quero mais tempo para ler, escrever, lecionar, viajar, dedicar-me à família e à doutrina espírita. Não pretendo advogar, nem deixar de lutar pelas causas que engrandecem e valorizam a magistratura.

Meu coração está pleno de alegria e de reconhecimento a Deus pela oportunidade ímpar de ser juiz e de ter contribuído, ainda que de forma modesta, para uma sociedade melhor. Agradeço pela oportunidade de conviver no seletor meio da magistratura do meu país e de ter conhecido personalidades marcantes, que influenciaram decisivamente a minha carreira e a minha vida pessoal, e das quais jamais esquecerei.

Não ficarei inativo. Não penso em ficar em casa de pijama. Não combina com o meu jeito de ser. Há muitas coisas a fazer, muitas ocupações úteis de que cogito. Porém, não quero fazer nada que eu não possa realizar com o entusiasmo de um iniciante.

Abraço agradecido a todos, na certeza de um futuro grandioso para a sempre admirada magistratura paranaense. Curitiba, 29 de maio de 2013. Noeval de Quadros.”